



O PROCESSO AVALIATIVO NA EJA NO CONTEXTO DOS MULTILETRAMENTOS

Resumo

A avaliação é algo inerente aos processos do dia a dia de aprendizagem, em que todos os sujeitos do processo educativo estão envolvidos. Na escola, avaliar não pode ser algo isolado. Nesse contexto, ao se tratar da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o tema precisa de muita reflexão, pois é uma modalidade de ensino que por si só os principais envolvidos, os alunos, não se sentem atendidos em suas especificidades. Assim, o presente artigo tem por objetivo fazer ponderações sobre a aplicabilidade dos multiletramentos no contexto avaliativo da EJA a fim de modificar o baixo índice de aprendizagem, mostrando que são possíveis novas maneiras de realizar práticas pedagógicas. Para isso, foi feita uma breve reflexão sobre o fazer docente e a sua formação continuada e, logo em seguida, o ato de avaliar no contexto dos multiletramentos. O estudo em questão elegeu como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica na qual indica que para mudar o atual quadro do processo avaliativo na EJA, a escola não pode continuar negando o acesso à aprendizagem desses alunos, devido a avaliações sem eficiência. Percebe-se que é necessário transformar os educandos da EJA em cidadãos autônomos através de uma interação proativa própria dos multiletramentos quando bem direcionados.

Palavras-chave: Avaliação. Multiletramentos. Aprendizagem. EJA.

EL PROCESO EVALUATIVO EN EJA EN EL CONTEXTO DE MULTILETRAMENTO

Resumen

La evaluación es inherente a los procesos de aprendizaje del día a día, en los que participan todas las materias del proceso educativo. En la escuela, la evaluación no puede ser aislada. En este contexto, cuando se trata de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), el tema necesita mucha reflexión, ya que es una modalidad de enseñanza que, por sí misma, los principales involucrados, los estudiantes, no se sienten atendidos en sus especificidades. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo considerar la aplicabilidad de elementos múltiples en el contexto de la evaluación de EJA para modificar el bajo índice de aprendizaje, mostrando que son posibles nuevas formas de llevar a cabo prácticas pedagógicas. Para esto, se hizo una breve reflexión sobre la enseñanza y su educación continua y, poco después, el acto de evaluar en el contexto de las herramientas múltiples. El estudio en cuestión eligió la investigación bibliográfica como un procedimiento metodológico en el que indica que para cambiar el marco actual del proceso de evaluación en EJA, la escuela no puede continuar negando el acceso al aprendizaje de estos estudiantes, debido a evaluaciones ineficientes. Se percibe que es necesario transformar a los estudiantes de EJA en ciudadanos autónomos a través de una interacción proactiva propia de las herramientas múltiples cuando está bien dirigida.

Palabras-clave: Evaluación. Multiherramientas. Aprendizaje. EJA.

THE EVALUATIVE PROCESS IN EJA IN THE CONTEXT OF MULTILETRAMENTO



Abstract

Emotional Intelligence (IE) is a theory that deals with the ability to understand Assessment is inherent to the day-to-day learning processes, in which all the subjects of the educational process are involved. At school, assessment cannot be isolated. In this context, when it comes to Youth and Adult Education (EJA), the theme needs a lot of reflection, as it is a teaching modality that by itself the main involved, the students, do not feel attended to in their specificities. Thus, this article aims to consider the applicability of multi-elements in the context of evaluating EJA in order to modify the low learning index, showing that new ways of carrying out pedagogical practices are possible. For this, a brief reflection was made on teaching and its continuing education and, shortly thereafter, the act of evaluating in the context of multi-tools. The study in question chose bibliographic research as a methodological procedure in which it indicates that to change the current framework of the evaluation process in EJA, the school cannot continue to deny access to the learning of these students, due to inefficient assessments. It is perceived that it is necessary to transform the students of EJA into autonomous citizens through a proactive interaction proper to the multi-tools when well directed.

Keywords: Evaluation. Multi-tools. Learning. EJA.

INTRODUÇÃO

Em meio a um contexto social diversificado e cada vez mais exigente e rápido, o processo avaliativo ao qual os estudantes da EJA são submetidos tem sido motivo, no atual contexto educacional, de reflexão e de estudos. Os índices alcançados por meio das avaliações indicam o grau de qualidade que na maioria das vezes não é satisfatório.

O presente trabalho se justifica porque nessas circunstâncias, as metas pretendidas com o objetivo de melhorar a aprendizagem dessa parcela de estudantes exigem mudanças no cotidiano de sala de aula e do ambiente escolar em geral.

Com o objetivo de mostrar como o trabalho avaliativo com foco nos multiletramentos pode modificar o quadro ineficiente do ensino atual na EJA, foi feita uma pesquisa bibliográfica na qual se evidenciou que há novas maneiras de realizar práticas pedagógicas e que a educação é direito de todos, por esse motivo é fundamental que os envolvidos nesse processo estejam dispostos a analisarem e refazerem pensamentos e atitudes. Mudança que a pedagogia dos multiletramentos pode proporcionar.

É preciso entender que as necessidades em buscar novos caminhos os quais possam levar ao conhecimento transformador surgem a todo instante no contexto escolar e a EJA não pode ficar de fora dessa realidade. Refazer as práticas educativas inclui, por consequência, pensar como está sendo desenvolvido o atual processo de ensino, sobretudo a questão de avaliar alunos de diferentes condições sociais e idade.

Para se trabalhar os multiletramentos objetivando o processo avaliativo na EJA é necessário que docentes, pedagogos, gestores e todos os sujeitos envolvidos na situação compreendam que buscar mudanças é um papel fundamental para que a educação seja baseada no respeito ao próximo, aceitando suas respectivas diversidades.

A referida pesquisa mostra a necessidade de um trabalho no contexto dos multiletramentos para minimizar os efeitos da falta de formação adequada do professor e, sobretudo, a efetivação de um projeto político pedagógico que seja voltado para a EJA, evitando o baixo rendimento dos alunos.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de se iniciar reflexões acerca do processo avaliativo na EJA, considerando os multiletramentos, é importante entender as causas das dificuldades de aprendizagem em geral. Para isso, atentemos para Bossa (2000) diz que já nascemos com uma tendência nata para a aprendizagem e que, nesse bojo, há algo interessante que é a curiosidade. Para o autor, é uma característica que surge bem cedo na nossa vida, assim, a aprendizagem e a construção do conhecimento são processos naturais e espontâneos na espécie humana, e caso isso não ocorra, algo está sendo contrariado na lei da natureza e é preciso identificar a causa e combater o que é chamado de sintoma.

Nesse bojo, a aprendizagem no indivíduo acontece passo a passo. Dessa forma, aprende-se aos poucos durante toda nossa vida. Portanto, a aprendizagem é um processo contínuo e cada indivíduo tem o seu ritmo próprio de aprendizagem. Para isso acontecer, é preciso que as experiências anteriores se juntem à nova aprendizagem. Iniciemos, então, com o que afirma Drouet ao falar sobre os distúrbios da aprendizagem:

O primeiro estágio de desenvolvimento da inteligência é chamado sensório-motor e termina mais ou menos aos 2 anos de idade. Neste estágio a inteligência é o tipo prático, isto é, a criança “conhece” o mundo através dos órgãos dos sentidos e dos movimentos ou das ações (DROUET, 2000, p. 13).

Conforme estudos é na infância que o indivíduo tem alto grau de aprendizagem, e se esse for devidamente estimulado, será um jovem, um adulto capaz de dominar com facilidade suas situações adversas. Todavia, no entender de Drouet (2000), o sistema nervoso de cada indivíduo, seus sentidos e todos os órgãos devem funcionar perfeitamente. Dessa forma, é preciso que se perceba na pessoa se esta apresenta bom estado mental e físico. Nesse caso, é preponderante o papel da escola, pois se algo não vai bem em qualquer área do organismo, pode implicar em problemas de aprendizagem.

Assim, na maioria das vezes, as dificuldades de aprendizagem podem ser causadas por problemas fisiológicos. Porém, as condições em que essas pessoas vivem, em seu ambiente doméstico ou escolar, também podem afetar seu desenvolvimento intelectual e seu potencial para aprendizagem, causando dificuldades futuras. Então, é preciso atentar que a dificuldade em aprender porque o estudante foi privado de um ambiente estimulante, principalmente nos primeiros anos de vida, é real e pode ser a causa do baixo rendimento escolar nas avaliações (FURTADO; BORGES, 2007).

Ao nos referirmos à EJA, a situação exposta aqui se torna mais preocupante, visto que é um público merecedor de mais atenção. São educandos que não conseguiram terminar o ensino básico em um tempo adequado e, conseqüentemente, irão adquirir habilidades cognitivas básicas mais lentamente. Como conseqüência, demonstram também pouca habilidade social, pouca curiosidade ou interesse em aprender. O fator responsável por esse quadro é falta da autoconfiança não trabalhada no tempo certo.

É preciso salientar, portanto, que o público da EJA retorna para a escola com atrasos sociais e cognitivos significativos e raramente chegarão ao mesmo patamar que outros estudantes os quais passaram pelo processo do ensino regular. E mesmo que haja auxílio especial, dificilmente juntarão recursos necessários para superarem deficiências adquiridas, porque esses alunos perderam o tempo certo de desenvolver determinadas habilidades.



Nesse contexto, esses atrasos citados são também em decorrência de muitos aspectos do ambiente doméstico que esses alunos conviveram quando criança e/ou ainda convivem na idade adulta. Os fatores os quais prejudicaram/prejudicam a capacidade de aprendizagem podem ser: fraca nutrição alimentar, sono insuficiente, uma vez que muitos estudantes da EJA vêm de uma carga horária de trabalho extensa.

E ainda é necessário reconhecer enfermidades devido à pouca higiene ou a cuidados médicos abaixo do aceitável, jovens e adultos os quais foram criados por famílias desestruturadas, detentores de pouco encorajamento, baixas expectativas, de ansiedade em relação a dinheiro ou a mudança de residência, por fim, indivíduos que tendem a ter até atraso na fala, o que afeta sua capacidade de expressar e compreender, ficando, assim, em situação de risco e, por conseguinte, desenvolvem problemas de leitura e escrita (SABINO E FERREIRA, 2010).

Compreende-se que qualquer um desses fatores pode reduzir de modo significativo as chances de uma pessoa superar certa dificuldade de aprendizagem, de assumir riscos e ser receptiva a novas situações as quais são importantes para o sucesso quando essa pessoa é exposta a um processo avaliativo tradicional. Processo esse que não tem um ambiente estimulante e encorajador capaz de produzir nos estudantes o desejo de aprender. Escola, educadores e sociedade precisam considerar que mesmo em meio a problemas diversos os estímulos no contexto educacional, em particular da EJA, devem priorizar formas de contornar as deficiências.

Sobre isso, Vygotsky (1998) atribui uma grande importância à dimensão social nas relações do indivíduo com o mundo. Afirma que para o ser humano se desenvolver com plenitude, é preciso que o aprendizado seja desenvolvido a partir da interação com o outro. Assim, “o aprendizado pressupõe uma natureza social específica, um processo através do qual o educando penetra na vida intelectual daqueles que a cercam (VYGOTSKY, 1984, *Apud* REGO, 1995, p. 71).”

É mister um olhar diferenciado no contexto avaliativo. Muito daquilo que o estudante não consegue assimilar no cotidiano de sala de aula é proveniente de situações anteriores que precisam ser trabalhadas ou minimizadas. A escola não pode continuar negando o acesso à aprendizagem apenas com base em resultados de avaliações, em sua maioria, deficientes.

O FAZER DOCENTE E A FORMAÇÃO CONTINUADA

Em meio às discussões referentes ao modo de avaliar o rendimento dos alunos, a educação vista hoje deve priorizar sempre estabelecer que as diferenças humanas são normais. Para isso, é preciso ainda reconhecer, de fato, que a escola, no cotidiano ainda contribui com a desigualdade, necessitando de uma reforma educacional capaz de dar a seu estudante uma educação de qualidade. Assim,

Operacionalizar o ensino escolar – de modo que todos os alunos, independentemente de classe, raça, gênero, sexo, características individuais ou necessidades educacionais especiais, possam aprender juntos em uma escola de qualidade – é o grande desafio a ser enfrentado, numa clara demonstração de respeito à diferença e compromisso com a promoção dos direitos humanos (BRASIL, 2001a, p. 11).

Esse operacionalizar, todavia, encontra inúmeros desafios, quando o foco no ensino atual se predispõe a educar de maneira que o aluno não se prejudique, devido à baixa



qualidade de ensino. É preciso fazer das dificuldades as quais envolvem o contexto escolar, sobretudo da EJA, uma nova forma de ver o ensino. É uma modalidade que exige de todos envolvidos no processo maior desempenho ao realizar as práticas pedagógicas. Muito ainda é preciso se fazer em relação a um ensino de qualidade para a Educação de Jovens e Adultos.

Um dos pontos necessários para melhorar a questão das dificuldades quanto à temática aqui tratada, é a formação continuada dos docentes responsáveis pelas aulas para esses estudantes. É preciso colocar à disposição desses professores o básico para que sejam capazes de conduzirem o cotidiano de sala de aula.

[...] é imprescindível, portanto, investir na criação de uma política de formação continuada para os profissionais da educação. A partir dessa, seria possível a abertura de espaços de reflexão e escuta sistemática entre grupos interdisciplinares e interinstitucionais, dispostos a acompanhar, sustentar e interagir com o corpo docente (BRASIL, 2005a, p. 22).

O fato é que não existe mudança no meio educacional, se não houver mudança na formação continuada do professor, algo que exige transformações no modo de entender que os docentes só terão ferramentas capazes de auxiliar o fazer pedagógico em suas práticas diárias se a eles forem dados meios adequados. Vale lembrar que na formação acadêmica existem deficiências.

Muito do que é ensinado nas universidades ainda está pautado na superficialidade dos conteúdos propostos. Estes estão descontextualizados de situações concretas. Pouco se fala na EJA no ensino acadêmico. Trata-se de desencadear um processo coletivo que busque compreender os motivos pelos quais muitos jovens e adultos também não conseguem encontrar um “lugar” na escola (BRASIL, 2005a, p. 21).

Segundo Ferreira (2006), é preciso que a educação de qualidade seja respeitada em todos os níveis o que aumenta a necessidade de um olhar voltado para o avaliar na EJA. O docente que não recebe auxílio adequado em seu agir diariamente, não pode estar preparado para trabalhar com diversidades como exige essa parcela de estudantes.

O mau direcionamento, nessa modalidade de ensino e nas outras é responsável pelo fracasso dos alunos, relegando-os ao analfabetismo funcional. Isso é preocupante, pois muitas vezes acabam desistindo de estudar, pois o resultado das avaliações torna para eles um sinal de que não têm capacidade de acompanhar o nível de conhecimento exigido.

Percebe-se, portanto, em meio a esse contexto, a importância do trabalho do professor, porque as pessoas não nascem com dificuldades escolares, mas elas aparecem ao longo do processo de aprendizagem, e o profissional despreparado não tem capacidade de solucionar tal problema. É necessário auxílio adequado. A postura adotada por professores em sala de aula, quanto ao avaliar, pode ter um papel determinante na superação da dificuldade. Por isso, o educador precisa estar respaldado e bem orientado.

O professor precisa receber auxílio para transmitir ao seu aluno confiança e compreensão, evitando, assim, a transmissão de atitudes geradoras de aflição e agonia diante das dificuldades apresentadas. É importante que os docentes sejam capazes de trabalhar aspectos psicolinguísticos, sociocognitivos, metacognitivos reconhecendo a importância destes para o futuro das crianças (JOHNSON; MYKLEBUST, 1987).

Dessa forma, vale salientar ainda que além de debates, é preciso que os professores também sinalizem vontade de continuarem se aperfeiçoando, de fato. É imprescindível uma autoanálise a fim de compreender e aceitar que desenvolver projetos, recursos, materiais



acessíveis como meios de chegar à avaliação na EJA, necessita pensar em uma educação que atenda a todos, não a um grupo em específico.

Só assim haverá garantia de um direito que proporciona além de condições básicas de mobilidade, comunicação e participação social aos estudantes dessa modalidade o alcance da independência e autonomia como cidadão, tendo seus direitos respeitados como orienta a lei.

O ATO DE AVALIAR NO CONTEXTO DOS MULTILETRAMENTOS

Falar de avaliação da aprendizagem no contexto dos multiletramentos na EJA é refletir também sobre as comunicações digitais e as produções colaborativas. É ao mesmo tempo falar do uso responsável da tecnologia e do processo colaborativo em uma modalidade de ensino que exige um cuidado especial por partes de todos os responsáveis.

Isso porque trabalhar com os multiletramentos já é por si só uma ação desafiadora. É fato que as práticas de multiletramentos envolvem maneiras diversificadas de se fazer a prática pedagógica e, nesse contexto, avaliar se torna um ato libertador e não um critério de exclusão. Subtende-se que a interação entre os pares seja o primordial. É uma nova pedagogia que se deve priorizar. É preciso que seja plural para corresponder aos anseios do aluno o qual já vem de uma parcela da sociedade onde não se tem resposta para quase nada (HOFMANN, 1995).

Ainda na concepção da autora a interação e a mediação são meios eficazes no ato de transformação da prática social através da relação entre docente/discente/conhecimento. Por isso, é importante que se compreenda as variadas necessidades dos alunos da EJA, quando se pensa em avaliar. Muitas vezes no processo avaliativo se esquece de que esses jovens e adultos também são sujeitos que estão inseridos na multiplicidade de linguagens existentes na sociedade atual.

Nesse sentido, as concepções de uma avaliação capaz de gerar aprendizagem com foco no descobrir passo a passo e no planejar considerando as adversidades dos sujeitos da situação estão ligadas à metodologia exigida pelos multiletramentos. Metodologia que faz do educando o centro na construção do conhecimento. Assim, fazer dos multiletramentos também um aliado no contexto da EJA,

[...] pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação (“novos letramentos”), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos [...] (ROJO; MOURA, 2012, p. 08).

Aqui é preciso ressaltar que os jovens e adultos juntos são permeados de experiências populares, locais, de massa, podendo, assim, serem os principais portadores do um universo cultural capaz de levá-los a outros letramentos. No entanto, ainda é preciso dizer que quando se pensa em avaliar, parece que o aluno da EJA não está inserido em um ambiente global. Em um meio no qual a sociedade se organiza em redes e, por consequência, na multiplicidade de linguagens numa perspectiva de multimodalidade.



Inserir o trabalho com a multimodalidade no contexto avaliativo da EJA pode mostrar ao professor engajado nesse objetivo perspectivas e modos capazes de auxiliar no passo a passo do caminho que levará às práticas avaliativas eficazes para o crescimento pessoal e intelectual de cada educando. Vale refletir sobre o que Hofmann (1995) nos alerta em relação ao docente: este não deve ser um mero aplicador de testes autoritários que acabam tendo a finalidade apenas de excluir pessoas. Essa observação feita pela autora deve servir também para a Educação de Jovens e adultos.

Nesse bojo, cabe ao docente e demais envolvidos no contexto de elaborar as avaliações, sejam elas escritas ou não, considerar que as formas de avaliação devem direcionar novos caminhos a serem seguidos, conforme a necessidade de seus alunos. Por isso, ao fazer cada etapa das atividades avaliativas, o docente deve observar se o aluno foi capaz de interagir, valorizando a importância da tarefa apresentada para que se desenvolva como ser participante de uma cultura.

No modelo pedagógico dos multiletramentos é fundamental o entendimento de que quando a pessoa chega ao ambiente escolar, não é um papel em branco; esse já traz dados pessoais e coletivos, a partir dos quais vai dar sentido em sua vida. É importante observar também se os estudantes foram capazes de perceber que há diferenças entre eles, mesmo dentro de uma mesma temática, por exemplo, e se essas diferenças foram respeitadas (ROJO, 2013).

Trabalhar com a multimodalidade permitirá registrar como processo de avaliação esses pontos durante o desenvolvimento de todo o trabalho, anotando os avanços alcançados por jovens e adultos, bem como as dificuldades demonstradas. Essas observações servem para ajudar no planejamento de futuras intervenções pedagógicas, adequando-as à situação da turma, visto que geralmente é diversa desde a idade até a forma de agir e pensar (ROJO, 2012).

Para se chegar ao ideal no modo de avaliar na EJA, é preciso inserir o aluno de que na verdadeira aprendizagem. Esta passa por determinadas condições individuais e coletivas de produção, isto é, refletem representações sociais que podem ser encontradas em qualquer linguagem trabalhada no cotidiano de sala de aula.

Ao aluno da EJA, portanto, deve ser dada a chance de uma interação proativa com o conteúdo trabalhado em sala de aula, com o texto. É dessa forma que o mesmo poderá perceber que o sentido veiculado pelo que está lendo, debatendo, refletindo em sala de aula se mantém através do diálogo, no *eu-tu-aqui-agora*; sendo a interpretação nunca definitiva, por depender das circunstâncias enunciativas dos atores sociais envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os fatores que não permitem a qualidade no processo avaliativo da EJA em sua totalidade no cotidiano escolar. Um dos motivos de tudo isso é a falta de formação necessária para se trabalhar com estudantes diversos. É preciso, pois que as falas se transformem em ações. Ainda há muito que aprender. Somente ter noção sobre o assunto não basta. É preciso saber lidar com os anseios educacionais que a Educação de Jovens e Adultos nos propõe.

Conhecer com maiores detalhes como lidar com esses estudantes torna-se fundamental para a vida dos mesmos que apresentam diferentes particularidades. Se estes educandos não forem avaliados com a atenção adequada no ambiente escolar, sentirão



dificuldades também quanto ao funcionamento normal de suas vidas em diferentes ambientes.

Estamos inseridos em um contexto no qual a sociedade está organizada em redes e, por conseguinte, vislumbra em suas faces a multiplicidade de linguagens, marcada pelas muitas interações de recursos textuais, numa perspectiva multimodal. Sendo assim, é preciso que se adote uma postura verdadeira de que a educação é para todos. De que considerar os multiletramentos no contexto avaliativo da EJA também é possível.

Vale ressaltar que práticas pedagógicas, voltadas para a multiplicidade da linguagem, do aprender, sobretudo no processo avaliativo, devem antes de tudo serem sentidas e vividas concretamente, porque é uma expressão de sociedade e de cidadania. O ensino na EJA, assim como em outras modalidades de ensino, também precisa ser interagido em grupo através de trocas de experiências, da construção de valores, indo além de cobranças punitivas.

Docentes, gestores, e todos envolvidos no contexto avaliativo da Educação de Jovens e Adultos precisam refazer seus conceitos, passando por um processo de transformação, ou seja, um olhar diferente sobre o que é avaliar efetivamente. Para que isso aconteça é preciso despertar a consciência e a dedicação de todos os envolvidos nessa questão.

Não é mais possível que a avaliação seja vista como um instrumento apenas para medir erros e acertos, principalmente, quando estamos nos referindo à EJA. É preciso dar a ela um caráter libertador capaz de proporcionar ao aluno, através da pedagogia dos multiletramentos, a oportunidade de ser um sujeito crítico, participativo, colaborativo e autônomo. Um aluno capaz de produzir conhecimento em meio a uma sociedade exigente e, ao mesmo tempo, bastante diversificada, diante dos anseios sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSA, Nadia A. *A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática*. RS, Artmed, 2007. BRASIL.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica*/Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. *Secretaria de Educação Especial*. Documento subsidiário à política de inclusão. Brasília, MEC/SEE, 2005a.

DROUET, R. C. R. *Distúrbios da Aprendizagem*. São Paulo: Ática, 2000.

FURTADO, Ana Maria Ribeiro, BORGES, Marizinha Coqueiro. *Módulo: Dificuldades de Aprendizagem*. Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

JOHNSON, Doris J. e MYKLEBUST, Helmer R. *Distúrbios de Aprendizagem – Princípios e Práticas Educacionais*. São Paulo: Pioneira, 1987.

REGO, Tereza C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HOFFMANN, Jussara. *Mito & Desafio: Uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: 17ª ed., Educação e Realidade, 1995.

HOFFMANN, Jussara. *O jogo do contrário em Avaliação*. Porto Alegre: 2ª ed. Editora Meditação, 2006.



MENDÉZ, Juan. M. A. *Avaliar para conhecer. Examinar para excluir*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

ROJO, R. *Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, R. H. R. (Org.). *Escola Conectada: os multiletramentos e as TICs*. Série: Estratégias de ensino: 40. – 1. Ed.- São Paulo – SP; Parábola Editorial, 2013.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo – SP; Parábola Editorial, ROJO, R. H. R. (Org.). *Escola Conectada: os multiletramentos e as TICs*. Série: Estratégias de ensino: 40. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SABINO, Raquel Nascimento; FERREIRA, Rejane de Barros. *Quem é o sujeito da EJA? Ou alunos da EJA: quem são esses sujeitos?* I Congresso Internacional da Cátedra UNESCO de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Grupo de trabalho 05. 2010.

VYGOTSKY, L. S; LURIA, A. R. & LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

Informações do(a)(s) autor(a)(es)

Lígia Renata Ferreira Cardoso e Costa - Mestre em Ciência da Educação pela Universidade Interamericana. PY. Lic. Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia (UEFS). Especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Estadual da Bahia (UFBA). Professora Efetiva da Rede Estadual da Bahia.

E-mail: ligiarenata60@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4523-0366>.